

# APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

## O PENSAMENTO DECOLONIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

DECOLONIAL THINKING AND THE TEACHING OF HISTORY

EL PENSAMIENTO DECOLONIAL Y LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA



**Nilton Mullet Pereira**  
UFRGS

**Elison Antonio Paim**  
UFSC

### REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: PEREIRA, N. M.; PAIM, E. A. Apresentação do Dossiê: O pensamento decolonial e o ensino de História. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 20, n. 45, p. 11-15, set./dez.



O presente Dossiê reúne trabalhos de pesquisadores que têm se ocupado em problematizar a escola, a educação e o ensino de História, desde uma perspectiva decolonial. Os estudos que apresentamos se propõem a abordar a aula de História através de instrumentos de análise de pensadores que tem revolucionado a leitura que tradicionalmente temos feito das relações entre o capitalismo e os processos de produção das subjetividades. A ideia da colonialidade do poder, do saber e do ser constituem-se em uma compreensão de que os povos latino-americanos vivem e constroem suas relações com os outros desde o “espelho da colonialidade”. Uma maneira de ver, experienciar e ser no mundo, tributária de uma cosmologia europeia, que encerra um conjunto particular de representações sociais, mas se apresentam como universais.

O pensamento e as ações colonizatórias colocaram-se em pauta a partir de 1492, quando povos europeus invadiram o continente americano e montaram as empresas

colonizadoras calcadas na exploração das gentes. Apoderando-se e encarcerando tanto os corpos quanto as mentes, das terras e da natureza nas dimensões animal, vegetal e principalmente mineral. Tudo foi organizado para a submissão e exploração. As empresas colonizadoras mantiveram-se durante mais de quatro séculos nesse sistema exploratório; muitos domínios perduraram mesmo após a independência político-administrativa das antigas colônias.

A colonialidade foi muito além da colonização de territórios no novo mundo. Os impérios europeus construíram possessões (SILVA, 2013, p. 479) que, em suas diversas formas, foram construindo e instalando um padrão de poder com base em princípios da colonialidade moderna, ou seja, não foi pautada numa relação formal entre povos ou nações e sim na “forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, através del mercado capitalista mundial y de la idea de raza” (MALDONADO-TORRES, 2007,



p.130). Ou como defende Boaventura de Souza Santos (2009) ocorreu um epistemicídio maciço e o desperdício de experiências cognitivas.

Os colonizadores preocuparam-se em destruir imaginários, invisibilizar sujeitos para que, assim, pudessem afirmar seu próprio imaginário. Para tanto, foi preciso reprimir e destruir “los modos de producción de conocimientos, de saberes, del mundo simbólico, de imágenes, que son propios del colonizado e impone otros”. (OLIVEIRA; CANDAU, 2013, p.279). Utilizaram-se de múltiplas estratégias para naturalizar e internalizar um pensamento único, racional, moderno, cristão dos europeus como sendo o único correto e, então, construíram a “la subalternización epistémica del otro no europeo y la propia negación y olvido de procesos históricos no europeos”. (OLIVEIRA; CANDAU, 2013, p.279).

O pensamento racional eurocêntrico impôs-se como emblema da modernidade, calcando-se na racialização e despojamento dos saberes intelectuais como sustentáculo do “padrão de poder, material e intersubjetivo” (QUIJANO, 2009, p.107). Portanto, “as fronteiras da civilização tornaram-se as margens de um sentido de ordem social europeia; conseqüentemente, os nativos tornaram-se a própria encarnação da desordem, simbolizada no sofrimento moral, degradação física e mundo desordenado”. (MENESES, 2009, p. 181).

Destaca-se ainda, que, as noções europeias de sexualidade, epistemologia e espiritualidade (GROSGOUEL, 2009) foram transpostas para os mundos não europeus. Assim, os povos não europeus passaram a ser racializados, classificados e patologizados de acordo com uma hierarquia europeia que definiu quais eram as raças inferiores e superiores. Sendo assim, os povos não europeus, inferiores que eram, poderiam ser submetidos, escravizados, torturados e até eliminados sem o menor constrangimento, caso não aceitassem o modo de vida considerado superior e correto.

Silva (2013, 479), defende que o conceito de colonialidade traduz um tipo de colonização que,

Sobrevivió a la colonización territorial y condiciona la geopolítica internacional y las relaciones intraregionales en el mundo, como se tuvieron validez universal, a pesar de que fue concebida desde una realidad muy particular, los centros de poder/saber, para ser impuesta en diferentes contextos, impidiéndonos de aprender, inventando desde lo local, para que periciéramos imitando desde lo global.

Estudiosos da decolonialidade (WALSH, 2008, 2009, 2013; MALDONADO-TORRES, 2007, 2009; GROSGOUEL, 2009; QUIJANO, 2009; SILVA, 2013) apontam que a colonização aconteceu e continua acontecendo em várias frentes, como a colonialidade do poder, a colonialidade do ser, a colonialidade do saber e a colonialidade da

natureza. Para esses autores, tais conceitos são centrais nas construções de análises que buscam compreender a colonialidade como a outra face da modernidade.

O dossiê que ora apresentamos diz respeito a um movimento de resistência a esse “padrão mundial de poder”, a colonialidade. Trata-se de conceber a aula de História, em particular, e a educação, de modo geral, como espaços em que um ato de liberdade pode permitir suspender os efeitos da colonialidade do poder, do saber e do ser, na direção da construção de novas formas de relações não mais mediadas por princípios que sustentam a colonialidade, sobretudo, aquele que estabelece como fundamento as relações raciais desiguais e hierárquicas. Desse modo, cada um dos artigos aqui descritos tem um compromisso com a recomposição e com a educação das relações étnico-raciais, no Brasil, combatendo a memória racista e os elementos basilares dessa nossa sociedade ainda racializada e discriminatória.

É assim que o artigo **O que se faz em uma aula de História? Pensar sobre a colonialidade do tempo**, de Nilton Mullet Pereira (UFRGS), cria o conceito de uma colonialidade do tempo, supondo ser a temporalidade e os marcadores temporais de que nos utilizamos para ensinar História, elementos tributários de um pensamento histórico eurocentrado, afirmando a necessidade de uma decolonização da nossa própria experiência temporal.

O artigo **Ensino de História e pensamento decolonial em processos de identificação Quilombola**, Marizete Lucini (UFS) e Andréia Teixeira dos Santos (UFS), parte da noção de que as comunidades quilombolas se constituem em espaços de resistência à colonialidade, e produz, através de um estudo de caso, os processos de identificação quilombola, na direção de criticar e desconstituir o olhar colonizador que inferioriza o negro e interfere no processo de reconhecimento da identidade quilombola.

O texto **O improvável na aula de História: sociabilidades, racialidades e modos de estar junto na escola**, de Carla Beatriz Meinerz (UFRGS), Flávia Eloisa Caimi (UPF), Sandra Regina Ferreira de Oliveira (UEL), aborda as relações que se instituem nas escolas, particularmente nas aulas de História, considerando essas como espaços onde o improvável tem lugar. Na escola pode-se ver desde um compartilhamento das diferenças até a sua negação. Nesse sentido, o artigo procura trabalhar a sala de aula desde um questionamento epistemológico e pedagógico provocado pelo pensamento decolonial.

O artigo de José Bonifácio Alves da Silva (FURB), intitulado **Implicação da força do eurocentrismo no currículo de um curso de licenciatura em História: que espaço é reservado à história negra e indígena?**, problematiza a formação dos professo-

res de História e aponta para o caráter eurocêntrico de tais currículos, a partir de um estudo realizado em uma universidade pública do estado do Paraná. O estudo mostra que, ainda hoje, há pouca visibilidade para as histórias de negros e indígenas. Todavia foi possível verificar iniciativas que inserem o debate em torno das histórias dos negros e dos indígenas.

O artigo **Decolonialidade e interculturalidade: pressupostos teórico-metodológicos para a educação das relações étnicorraciais no ensino de História**, de Alison Antonio Paim (UFSC) e Odair de Souza (UFSC), realiza um diálogo com os documentos legais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, problematizando o ensino de História desde o pensamento decolonial, pensando em produzir uma abertura para o estudo da história de outros povos e a partir de outras epistemologias, para além da história dos povos europeus ou histórias narradas de forma colonizadora a partir de modelos europeus.

Por fim, o artigo **Pedagogias decoloniais em lócus subalternos: relações étnico-raciais e o ensino de História**, de Mirianne Santos de Almeida, Ilka Miglio de Mesquita, Valéria Maria Santana Oliveira – ambas da Universidade Tiradentes, problematiza o ensino de História desde a análise de práticas educativas produzidas em espaços sergipanos historicamente marginalizados – a tribo indígena Xokó e a Comunidade Remanescente de Quilombo Maloca. A partir desse estudo o objetivo foi pensar o ensino da história dos povos originários, considerando seu protagonismo, desde a perspectiva de autores do pensamento decolonial.

Esperamos que estas leituras contribuam para o pensar e realizar outro ensino de História que rompa com as colonialidades.

**Os organizadores**

## Referências

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos da economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra-Portugal: Alameda, 2009, p. 383-417.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S., GROSGUÉL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, Colombia: Siglo del Hombre Editores, pp. 127-167, 2007. Visto en: [http://scholar.google.es/scholar?hl=es&q=SOBRE+LA+COLONIALIDAD+DEL+SER%3A+CONTRIBUCIONES+AL+DESARROLLO+DE+UN+CONCEPTO&btnG=&lr=\(05-11-2014\)](http://scholar.google.es/scholar?hl=es&q=SOBRE+LA+COLONIALIDAD+DEL+SER%3A+CONTRIBUCIONES+AL+DESARROLLO+DE+UN+CONCEPTO&btnG=&lr=(05-11-2014)).

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e decolonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra -Portugal: Almedina, 2009, p. 337-382.

MENESES, Maria Paula. Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra - Portugal: Almedina, 2009, p. 177-214.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogía decolonial y educación anti-racista e intercultural en Brasil. In: WALSH, Catherine (Org.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir**. omo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013, p. 273-303.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra -Portugal: Almedina, 2009, p. 23-71.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra - Portugal: Almedina, 2009, p. 74-117.

SILVA, José De Souza. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida: El paradigma del “buen vivir”/ “vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo” In: WALSH, Catherine (Org.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013, p. 469-507.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial**: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Orgs.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político -epistémicas de refundar el Estado. In: **Tábula Rasa**. Bogotá - Colômbia, No.9: 131-152, julio-diciembre 2008.

WALSH, Catherine (Ed.). Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013, p. 23-68.